

Desassossego: palavras, tempos e relações em um percurso etnográfico¹

Adriana Vianna²

Resumo: Em diálogo com reflexões de Veena Das, este artigo explora algumas dimensões presentes em um percurso etnográfico centrado na relação com familiares de vítimas de violência do Estado. Palavras, tempos e relações configuram o eixo em torno do qual duas diferentes situações de pesquisa são elaboradas. A primeira delas é pensada a partir da imagem do estilhaço, fragmento que surpreende e produz a sensação de falta de compreensão sobre o que se desenrola. A segunda situação se constrói sob o regime da conversa, permitindo refletir sobre diferentes dimensões de intimidade e desconhecimento que atravessam uma relação de pesquisa e confiança.

Palavras-chave: Veena Das; Palavras; Tempos; Violência.

¹ Publicado originalmente em inglês com tradução de David Rodgers, em *Sociologia & Antropologia*, v. 11 n. 3, Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais PPGSA Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ, setembro-dezembro, pp 793-815, 2021.

² Professora do PPGAS/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Museu Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, email: adrianaVianna@mn.ufrj.br, OrcID: <<https://orcid.org/0000-0002-5158-729X>>. Sou extremamente grata a Letícia Ferreira por seu trabalho em parceria durante a preparação deste número especial e, particularmente, deste texto. O trabalho com Letícia, Camila Pierobon e Cynthia Sarti transformou todo este processo em uma mistura única de compromisso e alegria. Gostaria também de agradecer a Juliana Farias, Roberto Efrem Filho e Angela Facundo por suas generosas e iluminadoras leituras. Finalmente, gostaria de expressar meu afeto e minha admiração pelas famílias de vítimas da violência estatal e agradecer em especial à interlocutora, aqui chamada Luísa, por sua infinita generosidade comigo.

DISQUIET: WORDS, TIMES AND RELATIONS ALONG AN ETHNOGRAPHIC TRAJECTORY

Abstract: In dialogue with reflections by Veena Das, this article explores some dimensions present in an ethnographic journey centered on the relationship with family members of state violence victims. Words, times, and relations set up the axis around which two different research situations are elaborated. The first of them is thought of from the image of the shrapnel, a fragment that surprises and generates feelings of bewilderment towards what is unfolding. The second situation is built under the regime of conversation, allowing for reflection on different dimensions of intimacy and not knowing that permeate a relationship of research and trust.

Keywords: Veena Das; Words; Times; Violence.

Tateando palavras

O impacto do trabalho de Veena Das para muitas de nós ultrapassa o que poderíamos enquadrar como inspiração estritamente intelectual. O modo como certas palavras, imagens e conceitos nos perturbam por muito tempo depois de termos tido contato com eles nos indica que a relação que estabelecemos com seus textos não é apenas a do conforto vindo com a sensação de ter compreendido algo. Em lugar disso, parece que resta algo que fica ressoando, inquieta e sem sossego. Cenas já descritas são repensadas, palavras conhecidas parecem sem vida, automáticas, exangues. Se, por um lado, o contato com seu trabalho nos oferece caminhos analíticos, linguagens e alternativas metodológicas, por outro, ele nos joga em uma espécie de inquietação constante com a precariedade de nossas palavras para dar conta, do modo que for possível, daquilo que nunca se exprime completamente por elas.

Ao escrever o parecer sobre um artigo de Das, muitos anos atrás, Cavell ofereceu à própria autora a possibilidade de enxergar de outro modo “o mundo e seu lugar nele”³. Como ela nos conta, ele se deteve em

³ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 307.

uma passagem na qual ela discorria sobre o quanto a linguagem da dor frequentemente a eludia. O problema não estaria na enormidade da dor, mas na ausência de uma linguagem que permita que as ciências sociais possam se tornar “corpos textuais nos quais a dor seja escrita”⁴. Cavell sugere, então, que, para romper esse silêncio e tornar-se inteligível entre os pares, ela precisaria “mendigar, tomar emprestado, roubar e inventar palavras”.

Tolerar abertamente a obscuridade, expor algo desse tateamento em torno das palavras ou interromper a narrativa com a constatação de que, no momento, não é possível seguir adiante nos falamos de um modo de compreender a etnografia. Menos que uma empreitada de investigação sobre algo que nos é totalmente alheio, a etnografia se constrói no trabalho de estar-com.⁵ Por isso, ela demanda o esforço de confeccionar territórios de intimidade que, no entanto, nunca deixam de apresentar surpresas e momentos de profunda incompreensão. O tempo é, seguramente, um fator crucial nesse processo, na medida em que simultaneamente demanda e permite o exercício do que ela chama de paciência crítica.⁶ Nada está, porém, previamente dado na própria ideia de tempo, uma vez que seus sentidos, ritmos, tramas e presenças se fazem nas vidas de modos sutis e variados.

A proposta que apresento aqui reúne, talvez de maneira por demais fugidia em certos momentos, três vetores de interrogação e inspiração que o trabalho de Veena Das me trouxe. Muitos outros seriam possíveis, mas escolhi tomar as palavras, o tempo e as relações como guias para explorar essa espécie de inquietação permanente que acompanha o trabalho etnográfico. Essa escolha lida, em parte, com a aparente obviedade de que todas as etnografias necessariamente se defrontam com a necessidade de refletir sobre esses três grandes temas ou campos de questões. O modo

⁴ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 308.

⁵ *Ibidem*.

⁶ MISSE, Michel; WERNECK, Alexandre; BIRMAN, Patricia, PEREIRA, Pedro Paulo; FELTRAN, Gabriel, MALVASI, Paulo. Entre palavras e vidas. Entrevista com Veena Das, *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 5, n. 2, pp. 335-356, 2012; ZENGIN, ASLI. On life and Words: an interview with Veena Das, *Feminist Approaches in Culture and Politics*, v. 10, pp. 1-15, 2010.

como o trabalho de Das nos inspira e provoca a olhar para cada um deles, porém, nada tem de óbvio.

No parágrafo que encerra *Life and Words*, ela discorre sobre o quanto manter as palavras de Cavell e Manjit, sua interlocutora de muitos anos, juntas, sentindo a conexão dessas vidas, configurava seu modo antropológico de devoção ao mundo.⁷ Já em *Textures of Ordinary*, ela nos apresenta diferentes dimensões do que pode ser a tarefa de recontar uma história.⁸ A busca pelas palavras nos traz notícias, assim, de escolhas éticas e espirituais que norteiam, convocam e marcam nossa posição no mundo. A compreensão de que a vida se dá na linguagem,⁹ implica, claro, que nossa empreitada vai muito além das palavras. Mas, para nós, que nelas assentamos a possibilidade de contar algo sobre o mundo – e de fazer mundos nesse processo de contar –, as palavras são o terreno onde nos apoiamos e nos arriscamos e no qual, muitas vezes, fracassamos das mais variadas formas.

Mendigar palavras, para usar a formulação de Cavell, parece apontar, assim, tanto para a insuficiência das palavras que temos em mão para tratar da dor quanto para seu potencial traiçoeiro e enganador. Não se trata de encontrar o termo preciso para alguma situação, mas de abrir caminhos para acessar aquilo que dá vida às palavras.¹⁰ Se as mendigamos, é porque não são nossas a priori, mas delas vamos nos apropriando através de e em meio às relações que estabelecemos. É na partilha de histórias, tempos, gestos, sobressaltos, decepções e cansaços que, enfim, podemos nos apossar muito frouxamente da vida que circula nelas.

A precariedade que marca nossa relação com aquilo que nos é dito, mostrado ou levemente indicado por nossas interlocutoras não é, nesse sentido, uma falha a ser superada. Nossa tarefa é a da abertura a um campo de sentidos possíveis, em lugar da aposta no escrutínio minucioso. Como

⁷ DAS, Veena. *Life and Words: violence and the descent into the ordinary*. Los Angeles: University of California Press, 2007, p. 221.

⁸ *Idem*, *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. xi.

⁹ *Ibidem*, p. xiii.

¹⁰ DAS, Veena. *Op. cit.*, 2007, p. 6; *Op. cit.*, 2020, p. 4.

nos tornamos sensíveis aos detalhes que podem importar?¹¹ De que modo uma frase inesperada pode capturar nossa atenção e permanecer por anos nos perturbando, como se todas as tentativas de a decodificar produzissem apenas mais e mais narrativas congeladas? Como acompanhamos a linguagem em sua capacidade de envenenar as relações e as formas de vida? Ou, em contrapartida, como experimentamos a capacidade que as relações têm, em seu desenrolar concreto e cotidiano, de absorver esse mesmo veneno?¹²

Essas e muitas outras questões que nos são apresentadas pelo trabalho de Das têm por efeito nos fazer desconfiar de qualquer assertividade totalizante. A hesitação pode ser, de fato, um recurso valioso quando lidamos com contextos profundamente marcados por situações vividas como sendo de grande violência e sofrimento.¹³ Hesitar é, de certa forma, um tributo que pagamos à necessária incompreensão tanto das experiências que nos são compartilhadas quanto do modo como estas vão sendo, ao longo do tempo, transformadas, absorvidas e expressas na vida vivida.

No diálogo com suas formulações inquietantes, construí este texto sob a forma de deslizamento temporal, recorrendo a uma situação ocorrida anos atrás e a uma conversa atual, assentada sobre uma relação já relativamente longa de interlocução. As formas de contar ou recontar o que teria ocorrido e as implicações sobre o que achamos que compreendemos ou não em diferentes momentos de um percurso etnográfico são pontos que busco explorar ao longo do texto. As duas situações desenhadas nas partes que se seguem participam de um mesmo universo de pesquisa e convivência no qual me localizo na última década, formado pelas atuações

¹¹ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020 p. 2.

¹² DAS, Veena. *Thinking and Thanking: Responding to the critical comments on Textures of the Ordinary*. *Critical Inquire*, 2021.

¹³ Como aponta Lotte Butte Segal, “Essa justaposição convincente de hesitação e argumento é um dos dons de Das para a antropologia, particularmente no que diz respeito a engajamentos etnográficos com contextos repletos de violência em suas diferentes formas”. SEGAL, Lotte Butte. *Disembodied Conjugality*. In: CHATTERJI, Roma (ed). *Wording the World. Veena Das and Scenes of Inheritance*. New York: Fordham University Press, 2015, p. 55

de movimentos de familiares de pessoas mortas pelas polícias no Rio de Janeiro. Em cada um deles, procuro estar atenta às várias dimensões temporais que compõem o fazer etnográfico, mas também ao papel desenhado por detalhes e momentos fugazes que redefiniram os rumos de minha atenção. Na última parte do artigo, arrisco algumas conexões a mais envolvendo essas duas situações, mas sem pretensão de encerrá-las em um argumento fundamental ou em um mesmo fio lógico.

Estilhaço. A palavra que irrompe.

Era já tarde da noite quando, chamadas a retornar à sala do tribunal onde o júri deliberava sobre o assassinato de Marcel¹⁴, ouvimos a sentença condenatória. Éramos um grupo de quinze a vinte pessoas acompanhando o julgamento, que durara muitas horas, ao lado de Claudia, mãe de Marcel. O rapaz fora assassinado por dois policiais, havia dez anos, na favela onde vivia. Um primeiro julgamento ocorrera alguns anos antes, resultando em condenações e em expulsão de ambos da Polícia Militar. Após recursos, novo julgamento, centrado em apenas um deles, tinha lugar naquele dia.

Do que foi apurado a partir do depoimento de uma testemunha, Marcel havia sido morto por não ter pagado o “arrego” para os policiais, que pouco antes haviam conseguido extorquir um rapaz que integrava o grupo local responsável pelo comércio de drogas. Ao contrário dele, Marcel não fazia parte desse grupo, não estava “no tráfico”, sendo executado com um tiro de fuzil no coração. Claudia, após um período de profunda depressão, havia tomado para si a tarefa de recolher todo tipo possível de provas sobre o crime. Sua postura aguerrida, a veemência e pungência de sua fala e a determinação ao longo dos anos compunham o retrato perfeito da *guerreira*, a mulher-mãe que *luta* tenazmente por justiça. Esse retrato tinha ainda a singularidade de contar com uma vitória raríssima, a da condenação dos acusados, tributada por muitos de modo especialmente enfático a ela, pela forma como havia se dedicado a reunir as evidências necessárias para a solidez da denúncia.

¹⁴ Este e todos os demais nomes próprios no texto foram alterados.

Ao escutarmos o tão esperado veredito de culpado, imediatamente nos agrupamos ao seu redor para celebrar. Claudia, então, explode em raiva: “Oito anos? É isso que ele pega por tirar a vida do meu filho? Oito anos? Presa estou eu, que vou ficar a vida toda sem meu filho, presa estou eu!”.

Essa cena aconteceu há quase uma década. Ficou anotada em um caderno de campo, compôs parte de uma fala que fiz em um seminário no ano seguinte, mas de fato não a integrei em nenhum texto ou argumento. Eu poderia dizer que ela ficou de algum modo repousando em seu próprio desajuste. Gostaria de partir, assim, de diferentes dimensões desse desajuste para refletir sobre ela – e sobre minha inabilidade em acomodá-la – em diálogo com algumas proposições de Veena Das.

O primeiro plano do desconforto que ela causa diz respeito, claro, às nossas expectativas frente à tão rara vitória judicial em processos de assassinato cometidos por policiais. De modo geral, os processos são marcados por imensa assimetria de valor entre as verdades apresentadas por policiais e por não policiais, sobretudo se moradores de favelas. Essa assimetria tem peso legal, uma vez que o testemunho de policiais goza legalmente do estatuto de “presunção de verdade”. Além disso, os júris populares tendem a concordar com pelo menos boa parte das justificativas para os assassinatos, comungando da pressuposição que enquadra áreas de favela como territórios de violência, desregramento e criminalidade. Isso acaba por oferecer um gradiente de possibilidades para justificar a ação policial armada e a letalidade dela resultante.

Em um extremo do gradiente, a vítima poderia ser integrante de algum grupo armado, tendo trocado tiros com a polícia, conformando a versão que se faz presente no início da maioria dos processos, através do registro de “auto de resistência”¹⁵. Em ponto intermediário, não se chega a afirmar o pertencimento da vítima ao “tráfico”, mas se opera estrategicamente com a nebulosidade da suspeita, ancorada em vetor racista sobre a similitude de corpos e modos de vida. Por fim, quando não

¹⁵ Ver, entre outros, MISSE, M.; GRILLO, C.; TEIXEIRA, C.; NERI, N. Quando a polícia mata: homicídios por ‘autos de resistência’ no Rio de Janeiro (2001-2011). Rio de Janeiro: NECVU/UFRJ, 2013; VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A Guerra das Mães. Dor e política em situações de violência institucional, *Cadernos Pagu*, v. 37, 2011; FARIAS, Juliana. *Governo de Mortes: uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens. 2020.

é possível sustentar integralmente mais sequer essa zona de suspeita, é sobre o território que recai a explicação acerca da impossibilidade de distinguir culpados de inocentes. Acionando outro vetor racista, não são aqui os corpos e vidas que se apresentam a priori como indistintos, mas é o território que assim os torna. Ganha força, então, o campo semântico do confronto, da guerra em terreno adverso e – por que não? – luxurioso e selvagem.¹⁶

Além disso, os processos atravessam muitos anos, em meio aos quais as formas e os ritmos espessos da espera se colocam. Ora a espera assume a feição de manobra traiçoeira dos que são mais poderosos, revelando afinidades entre o maquinário judicial e o policial; ora ganha contornos de provação, de desafio à tenacidade, aos desgastes físicos e morais que a *luta* impõe.¹⁷ Por tudo isso, chegar a um julgamento e, ainda mais, a um julgamento que se encerra com um veredicto de condenação, é algo vivido como triunfo político e moral excepcional. Triunfo que se materializa na figura da *mãe*, aquela em direção à qual fomos todas naquele momento emblemático.

Sua reação nos fez estancar, porém. Ocorreu ali certo curto-circuito ético e estético: em lugar do triunfo sobre o cansaço e a injustiça que parecia ser esperado, vimos emergir uma espécie de exaustão moral profunda. A raiva, tonalidade tão importante em diversas falas públicas das *mães*, não operava como combustível para uma ação de enfrentamento ou como parte de uma estética de denúncia e acusação. Raiva e exaustão pareciam se cruzar justo na revelação deste veneno inesperado, o de não haver saída de fato. “Preso estou eu”.

A densidade desse enunciado me faz tomá-lo como um estilhaço, artefato de interpelação que, menos que solicitar uma resposta argumentativamente sólida ou moralmente fortalecedora, tem como

¹⁶ LEITE, Márcia. Da “metáfora da guerra” ao projeto de “pacificação”: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro, *Revista Brasileira de Segurança Pública*, v. 6, n. 2, pp. 374-389, 2012. FERNANDES, Camila. *Figuras da causação. As novinhas, as mães nervosas e as mães que abandonam os filhos*. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2021.

¹⁷ VIANNA, Adriana. Tempos, dores e corpos: considerações sobre a “espera” entre familiares de vítimas de violência policial no Rio de Janeiro. In: BIRMAN, Patricia et al (orgs). *Dispositivos Urbanos e Trama dos Viventes: ordens e resistências*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, pp. 374-387, 2015.

propriedade primordial ferir os que participam de uma cena e a própria etiqueta da cena. A inversão da condição de aprisionamento, que passa do policial condenado à mãe, é acompanhada da ruptura com o *script* de celebração. O estilhaço interrompe o movimento coletivo, instaura certa perplexidade e suspende temporariamente as regras de linguagem. Após alguns minutos de desconcerto geral, essa condição começa a ser revertida a partir de balbucios de consolo e da tentativa de contrapor argumentos sobre a vitória obtida e sua importância como “marco” no enfrentamento tão penoso da violência cometida por policiais. O desconforto trazido pelas palavras que irromperam continuou, porém, pairando no ar. Ou, pelo menos, esta é a memória que mantenho tantos anos depois.

De modo levemente diferente dos fragmentos a que recorremos em nossas escritas, que remetem tanto à incompletude do que vemos quanto do que podemos transmitir, os estilhaços nos convocam a grifar sobretudo nossa incapacidade temporária de resposta ou de compreensão. Aquilo que os constitui – uma frase, um gesto – está marcado pelo espanto que, sentido agudamente no momento da interação, não se dissipa de todo com o tempo, como uma farpa que demanda atenção.¹⁸ Uma primeira forma de entendê-los está relacionada às demandas que se abrem em um jogo de linguagem, nos termos de Wittgenstein tão inspiradoramente trabalhados por Das. Menos que uma afirmação, o enunciado-estilhaço que trago aqui é um convite ao engajamento ou, mais ainda, um desafio ético e estético. Além da inversão entre quem estaria preso e quem estaria livre, ele obrigava a que nos movêssemos em direção a este terreno até então desconhecido, o da impossibilidade de encontrar na solução judicial tão arduamente perseguida alguma satisfação efetiva. Nesse sentido, seu potencial corrosivo se expandia para bem além daquela situação específica, assombrando a figura coletiva da mãe que busca obstinadamente a justiça como forma de honrar o filho morto e de

¹⁸ Algumas elaborações iniciais sobre a relação entre fragmentos e estilhaços foram feitas em diálogo com o trabalho de Fabio Mallart, figurando no posfácio de seu livro. VIANNA, Adriana. Posfácio. Escrever (contra) o horror. In: MALLART, Fabio. *Findas Linhas: Circulações e confinamentos pelos subterrâneos de São Paulo*. Lisboa: Etnográfica Press (no prelo).

proteger os outros jovens negros e favelados que são alvo das mesmas políticas de massacre.

O que conteve, então, esta corrosão? Se as palavras de Claudia compunham uma poética da impossibilidade de justiça, ela não tinha lugar em qualquer contexto ou para quaisquer interlocutores. A surpresa com a ruptura de certas expectativas pôde, de algum modo, ser reacomodada a partir das condições presentes na situação como um todo e nas relações que a sustentavam. Ao recuperar as formulações de Austin sobre as condições de felicidade ou infelicidade dos enunciados, Das nos lembra o quanto tais condições envolvem procedimentos convencionais sobre as palavras ditas, assim como sobre quem as pronuncia e quem as recebe.¹⁹ Nada, porém, está seguro a priori, uma vez que a qualidade anticonvencional do enunciado interroga a confiança que se pode ter nas relações. A trama que liga as palavras, o momento em que foram ditas, quem as disse e quem as recebeu formam um mesmo tecido ético. A possibilidade que ele não se rompa está na confiança de que as palavras serão de fato recebidas por aqueles a quem foram ofertadas, em razão das “sensibilidades forjadas na participação em formas de vida”²⁰.

Estávamos ali, então, na condição não de uma audiência pública genérica, mas como aquelas que poderiam receber o que era dito de modo profundamente pessoal. Como coloca Das:

O mundo conta - tem algo a dizer. No entanto, a forma como o mundo conta é um pouco diferente quando pensamos na primeira pessoa assumindo uma postura de terceira e de segunda pessoa. No primeiro caso, os fatos a serem levados em conta são fatos “impessoais”: sou uma pessoa entre outras pessoas ou dependo do caráter público das palavras que são as únicas de que disponho. No segundo caso, procuro alguém que possa receber as palavras que dão testemunho de mim.²¹

O caráter peculiar de intimidade que se projeta na posição de segunda pessoa relaciona-se, desse modo, diretamente à natureza que

¹⁹ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 61. AUSTIN, John L. *How to Do Things with Words*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1962.

²⁰ DAS, Veena. *Op. cit.*, p. 65.

²¹ *Ibidem*, p. 136.

as palavras assumem enquanto testemunho de si. A reconfiguração do *self* na cena é efeito da relação peculiar de confiança estabelecida entre quem fala e quem escuta, diferenciando-se da impessoalidade das palavras que circulam para um público genérico e indistinto. É a partir da busca por essa pessoa gramatical que possa receber as palavras de um lugar íntimo, como nos indica Das, que algo da opacidade do *self* tem a chance de se revelar.²²

Seguindo essa inspiração, proponho que o que se revelou ali pode ser mais bem compreendido como uma refração da figura da *guerreira*, forma que, ao mesmo tempo em que abriga e delimita um repertório de ação coletiva, também configura parte de um roteiro profundamente pessoal de luto. Por isso, em lugar da resposta mais previsível à figura pública da *guerreira*, de comemoração frente ao resultado do julgamento, vimos emergir seu avesso íntimo, atravessado por um sofrimento capaz de colocar em dúvida o próprio sentido da sentença.

Antes de avançar nestas considerações, é importante notar que a *guerreira* não se apresenta apenas como figura de identificação externa ao movimento, mas também tem papel relevante internamente. Ela fornece uma referência moral que identifica o coletivo de *mães* como compartilhando um mesmo substrato, em que pese suas diferenças de estilo de apresentação, suas histórias familiares, as condições dos “casos” de seus filhos. O duplo enfrentamento – da luta por justiça no plano público e das dores do luto pessoal – ganha vida em gramáticas que combinam sofrimento, tenacidade, coragem e solidariedade.

Naquilo que poderíamos entender como sua faceta mais interna ao movimento, ou seja, no modo como essa gramática é vivida nas cenas que não são abertas a um público mais amplo, há maior espaço para falas e queixas que dizem do cansaço, dos corpos que se enfraquecem, das adversidades de toda ordem que parecem pesadas demais. De certo modo, é como se absorver o desânimo, ora de uma mulher, ora de outra, fosse também parte do processo coletivo de *luta*. A polissemia

²² DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 21.

da luta, no sentido que Comerford trabalha,²³ também é importante, porque permite costurar os significados mais diretamente atrelados à ação política com aqueles que seriam mais pervasivos à “vida como um todo”²⁴, frequentemente retratada como uma batalha constante.

A intensidade e, sobretudo, o contexto em que Claudia expressou a insuficiência da sentença para dar conta não só da punição esperada pelo crime cometido, mas de seu próprio luto, agora transfigurado em uma prisão sem fim, ultrapassavam em muito esse limite do desânimo regularmente expresso e absorvido nas conversas internas. Voltando à imagem da refração que usei acima, o que surgiu assemelha-se a um amálgama de certas sombras precariamente domesticadas pela *guerreira*, indicando que os contornos dessa figura moral podem eventualmente ser oscilantes e imprecisos. Se a *guerreira* parece estar sempre se movimentando, seja cruzando a cidade ou mirando no horizonte futuro da justiça, o que emerge do enunciado de Claudia é, em contraste, pura imobilidade. A brevidade da prisão do policial se contrapunha à eternidade da sua própria, marcando-a como prisioneira no espaço e no tempo. A condição de ficar sem o filho por toda a vida, por sua vez, anunciava o que talvez possamos considerar um temor especialmente sombrio, o de que o final do processo de julgamento sinalizasse não a abertura de uma nova oportunidade de habitar o mundo, mas a confirmação, naquele limiar impreciso, de sua impossibilidade.

Trazer à tona a suspeita de que, ao final da caminhada de muitos anos em busca de justiça, o que se pode encontrar é outra forma de prisão carrega a força das amarguras bem escondidas sob várias camadas de intimidade.²⁵ Cabe lembrar, uma vez mais, que, se isso podia ali ser exposto e comungado, era porque as palavras estavam circulando entre aquelas que compartilhavam um entendimento mais profundo de seu potencial venenoso e das condições para absorvê-lo,

²³ COMERFORD, John. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

²⁴ DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537–549, 2018.

²⁵ DAS, Veena. *Op. cit.*; *Idem. Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 138.

“sem mutilar as palavras como se fossem quaisquer outros objetos no mundo”. Gostaria de me mover agora em direção a outra camada e experiência de intimidade, confeccionada em condições etnográficas muito distintas, para depois retomar, com outros olhos, a algumas das questões trazidas até aqui.

Conversa. Palavras que costuram tempos.

“A gente se conhece há tanto tempo e eu nunca te perguntei isso...”. Essa frase ou variações dela acompanharam uma longa conversa, de mais de três horas, que eu e Luísa tivemos através do WhatsApp. Câmeras ligadas, cachorro demandando atenção do lado de lá, gato do lado de cá. Seus netos também apareciam de quando em quando, assim como seu marido. A mediação do vídeo foi condição para que essa conversa acontecesse em um dos momentos mais intensos da pandemia de covid-19 no Brasil, que havia atingido, inclusive, vários membros de sua rede familiar, felizmente sem perdas fatais. Muitos vizinhos não tiveram a mesma sorte, ela me contou. “Quando começou a morrer, foi um atrás do outro”.

Luísa mora em uma favela da zona norte do Rio de Janeiro, com seu marido e a presença constante dos netos. Conheço-a desde que comecei a acompanhar o movimento de familiares, sendo ela uma de suas figuras mais respeitadas. Há mais de uma década, então, mantenho contato com ela, em alguns momentos mais regularmente; em outros, menos. Estivemos juntas em inúmeros atos, acompanhei dois dos três julgamentos envolvendo o assassinato de seu filho, André, participamos de mesas em congressos acadêmicos e outros eventos. Também dividimos refeições, rezas, momentos de tensão interna no movimento, risadas. E ali estava a frase... “nunca te perguntei sobre isso”. Quando marcamos nossa conversa, inclusive, falei que essa era a intenção principal: indagar sobre fatos que, embora sempre estivessem presentes de algum modo, eu tinha a sensação de não saber muito bem como tinham acontecido. Pensava, sobretudo, no seu lugar de avó, tão marcado pela morte do filho e que já vinha de tantos anos. Lembro a ela que, quando conheci Taís, sua neta, agora uma jovem prestes a tentar ingresso na universidade, ela era uma criança que a acompanhava em

atos de protesto. Olhando uma foto antiga de um desses atos, eu me dei conta, inclusive, do dado óbvio, mas não menos intrigante: o tempo da pesquisa nunca é apenas ou exatamente o tempo da pesquisa. É também o tempo de uma criança que cresce, de pessoas que envelhecem, de meu próprio envelhecimento.

Se toda etnografia é, de certo modo, uma autobiografia,²⁶ nossa conversa reconhecia esse entrelaçamento a partir tanto da explicitação da minha “vontade de saber” quanto da presença constante do tempo partilhado que se imiscuía nos relatos sobre o que não havia sido compartilhado. “Você sabe de que foto eu estou falando, né?”; “Acho que nunca te mostrei essa carta... Vou pegar pra te mostrar um dia desses...” e frases semelhantes desenhavam a sinuosidade entre o que foi vivido junto e o que não foi. Ou entre intimidade e desconhecimento, entre o estar-com e a indeterminação que tanto marcam a experiência de trabalho de campo.²⁷

As perguntas feitas por mim ou simplesmente o modo como os relatos iam se encadeando em sua fala movimentavam camadas temporais distintas. Algumas diziam respeito à nossa convivência, mas muitas outras a fios biográficos que ela ia tecendo ao fazer conexões relacionadas ao que teria ocorrido depois do evento crítico do assassinato do filho. De modo distinto, portanto, da estrutura predominante nos atos públicos, nessa conversa não era o assassinato o epicentro da narrativa. Isso se deve, claro, ao fato de eu ter dito, ainda nas mensagens trocadas antes da conversa, que gostaria de saber sobre como tinha sido ser uma das responsáveis pela criação da neta. Foco, tempo e marcas narrativas alteraram-se, portanto, como efeito desse deslocamento básico de pessoa: a avó em lugar da mãe; a neta em lugar do filho. Se rememorar deve ser entendido como uma prática moral,²⁸ cabe começar refletindo que, nesse caso, o “tempo que passou” já carregava uma inscrição bastante nítida de transformação e vitalidade, dada pela neta agora jovem ao seu lado.

²⁶ DAS, Veena. *Life and Words: violence and the descent into the ordinary*. Los Angeles: University of California Press, 2007, p. 17..

²⁷ *Idem*. *Adjacent Thinking: A Postscript*. In: R. Chatterji (ed.). *Wording the World. Veena Das and Scenes of Inheritance*. New York: Fordham University Press, pp. 372-399, 2015.

²⁸ ANTZE, Paul; LAMBEK, Michael. *Tense Past: Cultural Essays in Trauma and Memory*. London: Routledge, 1996.

A temporalidade oferecia duas paisagens morais sobre as quais quero me deter um pouco. A primeira delas se aproxima de uma topografia acidentada, não plana, crivada de marcas mais fundas, na qual as dúvidas sobre o que realmente importa se impuseram em algum momento.²⁹ Aqui, os desafios se apresentavam sobretudo sob a forma de profunda falência física, emocional e ética, quando doenças decorrentes da perda brutal do filho e de seus desdobramentos sinalizavam a impossibilidade de seguir adiante. Na narrativa, a saída desse estado se dá de maneira também extraordinária, a partir de mediações espirituais. A segunda paisagem, por sua vez, era marcada mais pelo trabalho discreto e tenaz de contornar obstáculos e sustentar uma vida cotidiana habitável. É possível perceber, porém, que o traçado entre essas duas paisagens morais não é uma linha divisória reta. De maneira seguramente menos dramática, mas não menos importante, o afínco com que a vida cotidiana precisou ir sendo refeita, bem como os imensos desafios que ela apresentou, igualmente tiveram seu papel de cura das condições de crise corporal e ética.

“Você sabe que eu fiquei muito doente, né?”, ela me pergunta. Digo que sim, que sei que ela ficou muito mal de saúde depois do assassinato de seu filho, história que já havia escutado mais de uma vez em relatos públicos e em conversas no coletivo de familiares. “Não, depois. Depois do primeiro julgamento. Quando absolveram ele [o acusado]”. Digo que não sabia. Eu ainda não acompanhava o movimento naquela época e, em contraste, nos julgamentos posteriores em que estive presente, sua firmeza e tranquilidade me causaram assombro. Este é o mote para uma das histórias com as quais tenho contato há tempos, mas sobre a qual nunca conversamos em detalhe, a das mensagens que ela recebeu de seu filho através de um médium espírita. Ela conta que uma advogada que trabalhava na favela a procurou, dizendo que a mãe de um menino que havia morrido durante um assalto malsucedido, em caso de grande repercussão, queria levá-la a um centro espírita. Essa mãe, uma mulher de classe média, definia-se como espírita, enquanto Luísa diz que sempre foi católica. Nesse centro, as mensagens psicografadas viriam de um médium muito respeitado e conhecido, Chico Xavier, falecido alguns anos

²⁹ KLEINMAN, Arthur. *What really matters. Living a moral life amidst uncertainty and danger*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2006.

antes. Ela decide ir. Na primeira vez, não recebe qualquer mensagem. Na segunda, acompanhada de mais três mães e de Taís, sua neta, recebe uma mensagem e, de cabeça, segue recitando algumas de suas frases, embora me diga que vai recuperar a carta em algum momento porque “você vai ter que ver a psicografia para entender”.

A carta era uma mensagem para ela, agradecendo seu amor e a presença ali junto de Taís e enfatizando a importância de ela não se entristecer: “eu, que tive o corpo crivado de balas, estou na sua frente sem marca alguma”. A presença de gírias na mensagem, o recado ao pai para que não desse “força ao azar”, em uma menção à bebida, e a notificação de que agora, “do outro lado”, ele compreendia o que o pai havia passado na infância, ao mesmo tempo que davam legitimidade à mensagem psicografada, colocavam seu filho no lugar de cuidador de todos eles. Além disso, ela relata que sentia sua presença, como também voltou a sentir nos julgamentos posteriores, o que permitiu atravessar de modo sereno aquelas situações excruciantes. Além das mensagens recebidas, Luísa conta de um sonho especialmente marcante em que ela via uma pessoa de costas, vestindo um jaleco branco. Ela sabia que era André e lhe pergunta se ele não vai trabalhar. Mas ele responde que não, que fez enfermagem e agora trabalha com crianças.

Paro neste ponto para arriscar alguns cruzamentos com o que chamei da segunda paisagem moral, profundamente ligada ao trabalho minucioso de refazer as relações em meio e através do cotidiano. Os recortes e alinhavos que faço aqui não seguem a sequência dos temas na conversa que, por sua vez, tampouco se sucederam de modo claramente demarcado. Extraordinário e ordinário entreteciam as histórias, do mesmo modo que recheiam o cotidiano.³⁰ O jaleco que indica o trabalho de cuidado com crianças desempenhado pelo filho no sonho é igualmente o signo da profissão que, logo no começo da conversa, Luísa me contou que sua neta pensava seguir, enfermagem. Ao indagar a ela sobre isso, ela me fala que também reagiu com espanto a essa coincidência. A presença do detalhe significativo convida a olhar com atenção para as conexões e transmissões que ali podem se expressar e viabilizar, seguindo as indicações preciosas

³⁰ DAS, Veena. *Life and Words: violence and the descent into the ordinary*. Los Angeles: University of California Press, 2007.

de Das sobre a importância dos detalhes nos processos etnográficos para dar conta da textura do ordinário.³¹ Gerações, cuidados, trabalho e crianças atravessavam fronteiras entre sonho e realidade, entre vivos e mortos, entre um passado que não teve chance de se completar e um futuro que, quem sabe?, assim pode vir a ser.

A dimensão onírica do cuidado desempenhado por André, seja em mensagens ou no trabalho como enfermeiro de crianças, ressoa seu papel cuidador também na vida material. O fato de ter emprego regular quando foi morto é frequentemente lembrado por Luísa na conversa de diversas formas. Ora há um leve deslizamento para o passado, falando de sua seriedade desde muito jovem e de como “ele não aproveitou a adolescência”, ora isso se projeta para o futuro, materializado sobretudo na possibilidade de uma pensão para a filha – “a preocupação dele era com a filha dele e pelo menos ele deixou ela amparada”, ela me diz. Ela e o marido, por sua vez, também tinham empregos regulares, o que vai compondo um cenário não muito comum em termos de estabilidade de recursos no núcleo familiar como um todo, bem como aponta para a transmissão geracional de valores morais fortemente ancorados no trabalho.

Essa mesma imagem de maior estabilidade atravessa o modo de contar sobre a presença constante da neta em sua casa antes e depois da morte de André. Na história da relação entre o jovem casal, o amparo dado por Luísa e o marido se fez presente desde o início, através da moradia conjunta por algum tempo e por meio da rotina de cuidados com a criança. De maneira bastante sutil, é possível perceber que o núcleo materno é apresentado como menos estável, seja em termos de trabalhos, seja das próprias relações. Isso terá desdobramentos nos anos que sucedem à morte de André de diversas formas, sendo talvez a tensão mais forte a que envolve a formação de uma nova família conjugal pela mãe de Taís. Neste momento, porém, gostaria de me deter em algumas passagens rápidas que evocam essa tensão entre os núcleos e aquilo que chamarei aqui do trabalho ético de fazer parentesco empreendido por Luísa.

Ao longo de nossa conversa, três aniversários de Taís vieram à tona. Do primeiro deles, o único que contou com seu filho vivo, eu já conhecia

³¹ *Idem. Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, pgs. 2 e 124-5.

algumas fotos, por serem usadas em *banners* ou cartazes em atos dos familiares. Luísa me conta que, como os pais de Taís estavam separados na época, foram feitas duas festas, uma na família materna e outra em sua casa. “No aniversário de dois anos, que ele já tinha falecido, estava todo mundo, porque ela fez [a festa] na associação”. Por fim, quando veio o aniversário de quinze anos, tradicionalmente muito festejado no caso de moças, dos 100 convites feitos, apenas cinco foram destinados à família de Luísa. Ela decidiu então não comparecer, mesmo tendo dado de presente os vestidos da aniversariante, porque não iria sequer poder chamar boa parte de seus parentes frente ao número escasso de convites. “Eu sinto, mas eu não vou”.

Cada aniversário revela como a empreitada de tecer o parentesco, confeccionando a relacionalidade a partir de Taís, é sinuosa e nunca está totalmente assegurada. Em um primeiro momento, a separação do casal engendra duas festas diferentes. A ligação crucial da paternidade, porém, faz com que a divisão dos dois núcleos não ameace a relação fundamental com Taís, aparecendo mais como uma replicação de festas, de modo que o parentesco pode ser vivido sem maiores danos ou sombras. Especialmente pungente é pensar que a festa seguinte, unificada, já se dá depois da morte de André, acontecendo em um ponto de organização comunitária local, que não pertence a nenhum dos núcleos familiares. E que as fotos do ano anterior agora não compunham mais apenas a memória familiar, mas integravam os artefatos de mobilização coletiva.

As memórias do parentesco e o modo como se entremeiam a outras políticas da memória, como as que envolvem eventos e temporalidades diversos,³² falam-nos também de modos de gerir presenças e ausências. Nesse caso, a ausência de André demanda movimentos de inscrição de sua morte em uma biografia que é simultaneamente política e afetiva. Se usualmente tem sido dada mais atenção a como os relatos e artefatos familiares migram para a cena pública,³³ neste caso, eu procurava prestar

³² CARSTEN, Janet. Introduction: Ghosts of memory. In: CARSTEN, Janet. *Ghosts of memory: essays on remembrance and relatedness*. Oxford: Blackwell, 2007, p. 5.

³³ LEITE, Márcia. As mães em movimento. In: BIRMAN, Patrícia; Leite, Márcia Pereira. (orgs.) *Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz*. Porto Alegre, Editora da UFRGS. pp.141-190, 2004. VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A Guerra das Mães. Dor e política em situações de violência institucional, *Cadernos Pagu*, v. 37, 2011.

mais atenção à densa vida familiar daquelas imagens. De modo bastante semelhante ao que aponta Han em relação à sua interlocutora, o trabalho de documentar a morte do filho e inscrevê-la na *luta por justiça* é feito em estreita conexão com a imaginação de um futuro para a neta.³⁴ Não apenas o transitar das fotos, mas também o empenho com os papéis que podem, após muitas peregrinações burocráticas, garantir a pensão da neta, falam do parentesco como trabalho ético de muitas frentes. O cuidado que Luísa reputa a André, ao afirmar que ele queria deixar a filha amparada, é feito com sua mediação, provando sua condição de *trabalhador* e, portanto, o caráter injustificado e criminoso de sua morte.

Há uma trama cruzada de cuidados que reúne as ações de Luísa e André e que passa pelas mensagens espirituais, pelos trâmites pecuniários, pelos processos judiciais e políticos envolvendo sua morte e por uma miríade de ações cotidianas que envolvem o crescimento de Taís. Ao longo de nossa conversa, delicados elementos de continuidade entre as gerações são evocados, como o gosto pelas mesmas comidas e bolos. A presença de André é instalada constantemente no fluxo da vida cotidiana, sendo cuidada por Luísa na materialidade com que as semelhanças são identificadas, produzindo uma reiteração do parentesco. É a mesma profissão que surge no sonho; são as mesmas comidas que definem os gostos.

É no terceiro aniversário mencionado, por sua vez, que aparece com mais clareza o esforço necessário para lidar com as ambiguidades constituintes da intimidade e do parentesco. Aqui, a insuficiência da troca é demonstrada no número escasso de convites, que praticamente apaga toda a rede familiar paterna. Em contrapartida, uma vez mais, o suporte de Luísa é facilmente comprovável pelo empenho em dar os dois vestidos que fariam parte do ritual de aniversário de 15 anos. Sobre essa data, Luísa me conta também que foi um momento em que Taís sentiu muita falta do pai, com quem tradicionalmente dançaria a valsa. Ela não fala, porém, da falta que ela própria pode ter sentido do filho nessa ocasião ritual, mas podemos inferir algo da profundidade dessa ausência também

³⁴ HAN, Clara. Echoes of a death: violence, endurance, and the experiences of loss. In: DAS, Veena; HAN, Clara (orgs.). *Living and dying in the contemporary world: a compendium*, Oakland: University of California Press, pp. 493-509, 2015.

para ela no modo como reage à desconsideração dos convites: “eu sinto, mas eu não vou”.

O duplo sentido de “sinto”, que remete tanto ao lamentar, como ao sentimento, este que parece demasiado para caber em palavras, encapsula o jogo de presença e ausência de Luísa e André na festa. A valsa sem o pai marca, de modo pungente, o quanto o assassinato o roubou da vida da filha, como também da de Luísa e de todos da família. Os cinco convites ameaçam, assim, o esforço contínuo e cotidiano de Luísa em manter todo o parentesco paterno de Taís e, por isso, jogam sombra sobre a memória de André. Ao se retirar da festa, Luísa não se retira, porém, do trabalho de parentesco, já que este se materializa nos próprios vestidos, matéria e signo do cuidado com a neta e com o filho.

O modo como essa história me foi contada se intercalou a muitas outras narrativas que indicam como, nesses anos, foi preciso gerir o parentesco instável e fragilizado que conecta as duas famílias. Eu arriscaria dizer que a forma como foi possível negar a presença física, mantendo o apoio à festa, fala da confiança de que as relações agora podiam, de fato, sobreviver a esse momento tenso. O meticuloso trabalho de gestão das palavras perigosas é, inclusive, mantido por Luísa ao procurar contrabalançar o potencial danoso dessa situação com a imagem de que se trata apenas de ciúme, por parte da mãe e da avó materna de Taís, da relação que elas mantêm. A ética ordinária se revela aqui na habilidade em conter o potencial venenoso da situação, tomando-a, inclusive, como demonstrativa da força da relação tão empenhadamente cultivada ao longo dos anos com a neta.

Para terminar, gostaria de mencionar outro movimento que se inscreveu no final de nossa conversa. Ao falarmos sobre prisões recentes que ocorreram na sua vizinhança, um mosaico de violências e torturas foi emergindo em pequenos fragmentos. “Levaram uns meninos como traficantes sem ser. Eles só usavam maconha, mas a polícia queria que dissessem onde compravam. Bateram neles e esperaram a avó sair – a avó também que cria eles – e colocaram a mochila cheia de drogas na casa”. “Entraram na casa da minha vizinha e pegaram o filho. Ele ficou preso dois anos”. “Tem também o caso de outro vizinho, que ficou cego por causa da diabetes na prisão. Não deixavam entrar o remédio”. Esses fragmentos participam, de certo modo, de um tipo de conversa não de

todo rara entre integrantes do movimento de familiares, que acabam lidando, para além dos assassinatos, com as práticas de encarceramento em massa. Os relatos dão conta de algo que, embora inscrito no cotidiano das favelas, não deixa de reverberar um incômodo espectro da crueldade que não pode ser de toda absorvida.³⁵

Surpreendente foi como essas cenas puxaram outras, mais distantes no tempo e no espaço. Perto da cidade onde Luísa cresceu, havia um grande manicômio. Ela me conta, então, uma história de sua infância.

Um dia, a vizinha voltou de lá e não falou mais com ninguém. Eu tinha dez anos, e ela voltou, e eu nunca esqueci. Ela não falava com ninguém da família e se enforcou. Ela contava as coisas que aconteciam nesse sanatório. As torturas eram horríveis. As pessoas eram mandadas para lá. De onde eu morava, não dava uma hora de ônibus até lá. Minha mãe ia lá comprar tecidos. Ela falava horrores, horrores. Já tem muito tempo e eu não esqueci³⁶.

A tortura aqui, de modo diferente da que foi narrada nos casos recentes na vizinhança, marca a impossibilidade do retorno. Mesmo voltando do sanatório, a vizinha se enforca. Com ela, não voltam as palavras que podem confeccionar a vida, mas somente as que contam das torturas. Tampouco existe família para a qual voltar, porque esta foi responsável por mandá-la para lá, provando, uma vez mais, como parentesco e traição se entrelaçam.³⁷ A cidade ficava a pouco tempo de ônibus, e sua mãe ia até lá para comprar tecidos. A mãe conhecia os horrores do lugar, mas era capaz de retomar a vida ordinária, talvez pela magia de transformar tecidos em roupas. A cidade fica longe no tempo, mas, mesmo assim, está sempre perto, porque não dá para esquecê-la.

³⁵ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 216.

³⁶ Entrevista sem registro para consulta pública.

³⁷ DAS, Veena. *Life and Words: violence and the descent into the ordinary*. Los Angeles: University of California Press, 2007 e PIEROBON, Camila. *Traições em Família: as texturas do parentesco* (artigo neste dossiê).

Traçando um caminho em meio a palavras

Em cada uma das partes anteriores, o *estilhaço* e a *conversa*, busquei acercar-me de sentidos que podem ser entrevistados em meio às palavras. Digo “em meio” porque não tomo aqui as palavras como um veículo em si para o sentido, mas como uma trama que ora nos convida a explorar algumas de suas possibilidades, ora atua jogando sombra sobre o que seriam as deduções aparentemente mais lógicas ou imediatas. Em lugar de desvendar significados, como se estes se dessem fora da multiplicidade de condições cognitivas, afetivas e políticas que as relações produzem, procuro, nas próprias marcas da interlocução, algo que se ofereça à compreensão. Por isso, *estilhaço* e *conversa*, mais do que gêneros narrativos, são constructos dialógicos. Suas propriedades poéticas, como o tom de voz que os atravessa, as imagens que movimentam ou o ritmo que os caracteriza servem às reações que produzem em suas interlocutoras, ao mesmo tempo em que essas reações os alimentam e modelam. De formas diferentes, percebo ambos como um convite a engajar-me em uma posição de audiência ativa, de modo que as propriedades que reconheço em cada um dependem fundamentalmente do trabalho de produzir um lugar para mim mesma nessa relação.

Assim, o que procurei identificar ou perseguir diz respeito ao rastro das relações nas quais, pela escuta e pela presença, eu me integrava. No caso do *estilhaço*, como indiquei, a inversão da expectativa de celebração coletiva e a atribuição da condição de prisioneira à *mãe*, em lugar do condenado, ofereciam o componente dialógico crucial. A suspensão do *script* previsível convocava a outro engajamento, parecendo demandar daquela rede de interlocução a capacidade de reagir ao desconcerto profundo que o enunciado trazia. Não foram as respostas de conforto ali emitidas que absorveram de fato o potencial danoso daquelas palavras, mas, sim, o fato de estarmos em posição de recebê-las em confiança. Não era, como bem alerta Das, uma questão de saber, mas de reconhecer, dar-se conta do outro, algo que nunca está pronto de uma vez por todas.

Naquilo que denominei *conversa*, por sua vez, a abertura para o dar-se a conhecer residia na reiteração das perguntas e comentários corriqueiros sobre o que já teria sido compartilhado presencialmente ou através de relatos e fotografias. O movimento aqui se fazia menos

na brusquidão do que não era previsto e irrompia, como no *estilhaço*, e mais em um jogo alternado de distância e proximidade; conhecimento e desconhecimento. As perguntas traziam, assim, certo caráter espelhado: eu era, afinal, também inquirida se já conhecia tais histórias, cenas ou objetos. Em seu fluxo sinuoso, a conversa levava assuntos de um ponto a outro, produzia associações e se deixava interromper ora pelas ideias, ora pelas pessoas e bichos ou ainda pela conexão da internet que oscilava. Se o primeiro registro foi produzido a partir do impacto concentrado de uma frase e do modo específico de não compreensão que ela me gerou, esse segundo tem sua marca no tempo que vagueia, confeccionando uma prosa que desliza mais alongada entre passado, presente e futuro.

Ambas as situações permitem refletir sobre um tema que costuma ser expresso com relativa constância, mas de diferentes modos, por mulheres que integram esses movimentos a partir do assassinato de seus filhos. Trata-se da própria possibilidade de viver e nomear essa forma de vida que tem lugar com a morte dos filhos. Os relatos sobre os períodos de depressão profunda após os assassinatos, a cronificação de certas doenças ou mesmo os casos em que não foi possível superar a tristeza e a mortificação fazem-se presentes tanto em falas mais públicas quanto nas mais íntimas. Quando acionados publicamente, porém, em geral são conectados sobretudo ao período imediatamente seguido às mortes. Levantar-se da cama, reunir forças e engajar-se na *luta* constituem certa sequência narrativa que permite contar de uma maneira específica de transmutar a devastação, dando-lhe direção moral.

Mas as doenças, enquanto linguagem da dúvida profunda sobre a possibilidade de viver em meio à brutal dissolução da experiência cotidiana da vida, podem surgir em outros momentos, como após um julgamento. “Eu tinha a ilusão de que eles iam assumir o que fizeram”, Luísa me disse sobre esse momento. A confiança depositada na resposta moral a ser recebida através do judiciário – não à toa, conhecido mais corriqueiramente por “justiça” – não se comprova merecida ou suficiente. Sem desconhecer a importância social e política dos processos judiciais nesses casos, o que me parece possível refletir é sobre sua precariedade para dar conta de algo que o ultrapassa em muito. “Preso estou eu”, o enunciado-estilhaço nos fala disso. Como fala também da força de um tempo que não se domestica

pela linearidade. “The Day of Shelly’s Death” está sempre no presente, como nos chama atenção Das, ao tratar da antropolésia de Rosaldo.³⁸ Esse presente que não vai embora joga sua sombra de maneira cruel sobre a promessa de recomposição da vida cotidiana, enchendo de incerteza o trabalho de sua reabilitação.³⁹

A relao entre o tempo presente sombrio e definitivo que se anuncia no *estilhaço* e a ondulao temporal da *conversa*, que fala de geraoes, de lembranças do passado e imaginaoes de futuro, não deve ser pensada como da ordem da oposio. Essas possibilidades se entrecruzam a todo instante, e uma não  capaz de expulsar a outra em definitivo. Tomando emprestadas as palavras de Han, podemos ver em ambas o quanto encontrar novamente um lugar no mundo envolve o trabalho de cultivar a vida em meio  falta de alguém. A presença desse outro-em-ausência se d de muitos modos: sob a forma de premonioes, que falam do impacto desse retorno deformado do cotidiano⁴⁰; em gestos e conversas imaginarias que recheiam os dias;⁴¹ em atos de cuidado com outros filhos, netas, vizinhos.  nessa trama, que mistura a banalidade e o miraculoso; o horror e as possibilidades de cura através da habilidade em evitar que algo de seu veneno passe para as próximas geraoes, que as palavras têm chance de encontrar um lar.

A frase de Cláudia, que rompe os contornos da *mãe guerreira*, vem sendo aos poucos incorporada, de outro modo, às suas falas públicas, recombinaada, porém,  narrativa sobre a importância da vitória judicial. O

³⁸ “Quando li esses poemas pela primeira vez, tive uma sensao curiosa: o título que sempre vinha  minha mente, sem ser solicitado, era “O dia em que Shelly morreu”, mas,  claro, “O dia da morte de Shelly”  que capta o evento. Não “o dia em que Shelly morreu” que pode apontar para o passado, para uma memória.  “O dia da morte de Shelly” que atinge você com a força de uma presença, pois o dia está em toda parte, além e acima das divisoes de passado, presente e futuro.” DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 310.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 309.

⁴¹ HAN, Clara. Echoes of a death: violence, endurance, and the experiences of loss. In: DAS, Veena; HAN, Clara (orgs.). *Living and dying in the contemporary world: a compendium*, Oakland: University of California Press, pp. 493-509, 2015.

trabalho de parentesco realizado por Luísa se estende a outras crianças, meios-irmãos de Taís, que, não sendo seus netos biológicos, tratam-na enquanto avó. “Eu não paro de ganhar netos”, ela me diz, sorrindo. Tatear palavras, do modo como procurei fazer aqui, talvez possa ser então entendido como essa empreitada de buscar situações em que elas parecem se aquietar momentaneamente. Mas também pode se pautar justo pelos indícios de seu desajuste, dos instantes e cenas que revelam os limites deste aquietamento. Em certo ponto de nossa conversa, depois das histórias sobre o manicômio de sua cidade natal, Luísa me trouxe outro caso ocorrido na vizinhança:

O garoto aqui perto, que ficou meio louco pelas drogas, a irmã internou e ele voltou e não fala com a irmã. Diz que para lá não volta. Eu faço café com pão para ele. Ele conta as torturas que passou.

Loucura, parentesco e tortura uma vez mais se entrelaçam no relato, bem como a decisão de se negar a falar com quem traiu a confiança depositada ou presumida. A possibilidade de contar das torturas se dá apenas frente a alguém que confecciona um espaço de confiança, inseparável do café com pão ofertados. Sossego e desassossego seguem juntos, indicando que as palavras só descansam em meio ao encontro, à escuta e ao gesto que restabelece, por um momento que seja, o cotidiano enquanto território de cuidado.

Se encerro o texto com essa cena, é porque ela me parece um outro modo de falar do estar-com que marca o trabalho de campo. O café compartilhado, a conversa, a lembrança que surge de repente e a incomensurabilidade do horror se misturam nessa cena e em tantas outras das quais, de um modo ou outro, tomamos parte. Não se trata de lhes dar um sentido, mas de entender, como nos aponta Das, que nossos conceitos não se produzem no “espaço sem fricção do pensamento puro” e que é isto que nos ajuda a “reabitar um mundo quebrado”⁴². A escrita não é, então, um esforço para transcender lógica, política ou existencialmente esse mundo quebrado, mas um modo de se colocar em meio a ele, com toda fragilidade, insegurança e esperança que o atravessam.

⁴² DAS, Veena. DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 202.

Referências bibliográficas:

ANTZE, Paul; LAMBEK, Michael. *Tense Past: Cultural Essays in Trauma and Memory*. London: Routledge, 1996.

AUSTIN, John L. *How to Do Things with Words*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1962.

CARSTEN, Janet. Introduction: Ghosts of memory. In: CARSTEN, Janet. *Ghosts of memory: essays on remembrance and relatedness*. Oxford: Blackwell, 2007.

COMERFORD, John. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

DAS, Veena. Adjacent Thinking: A Postscript. In: CHATTERJI, Roma (ed.). *Wording the World. Veena Das and Scenes of Inheritance*. New York: Fordham University Press, pp. 372-399, 2015.

DAS, Veena. Ethics, self-knowledge, and life taken as a whole, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 8, n. 3, pp. 537-549, 2018.

DAS, Veena. *Life and Words: violence and the descent into the ordinary*. Los Angeles: University of California Press, 2007.

DAS, Veena. Thinking and Thanking: Responding to the critical comments on *Textures of the Ordinary*, *Critical Inquire*, 2021.

DAS, Veena; HAN, Clara (orgs.). *Living and dying in the contemporary world: a compendium*. Oakland: University of California Press, pp. 493-509, 2015

FARIAS, Juliana. *Governo de Mortes: uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens. 2020.

FERNANDES, Camila. *Figuras da causação. As novinhas, as mães nervosas e as mães que abandonam os filhos*. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2021.

HAN, Clara. Echoes of a death: violence, endurance, and the experiences of loss. In: DAS, Veena; HAN, Clara (orgs.). *Living and dying in the contemporary world: a compendium*. Oakland: University of California Press, pp. 493-509, 2015.

KLEINMAN, Arthur. *What really matters. Living a moral life amidst uncertainty and danger*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2006.

LEITE, Márcia. As mães em movimento. In: BIRMAN, Patrícia; LEITE, Márcia Pereira. (orgs.) *Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, pp.141-190, 2004.

LEITE, Márcia. Da “metáfora da guerra” ao projeto de “pacificação”: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro, *Revista Brasileira de Segurança Pública*, v. 6, n. 2, pp. 374-389, 2012.

MISSE, M.; GRILLO, C.; TEIXEIRA, C.; NERI, N. *Quando a polícia mata: homicídios por ‘autos de resistência’ no Rio de Janeiro (2001-2011)*. Rio de Janeiro: NECVU/ UFRJ, 2013.

MISSE, Michel; WERNECK, Alexandre; BIRMAN, Patricia, PEREIRA, Pedro Paulo; FELTRAN, Gabriel, MALVASI, Paulo. Entre palavras e vidas. Entrevista com Veena Das, *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 5, n. 2, pp. 335-356, 2012.

PIEROBON, Camila. Traições em Família: as texturas do parentesco (artigo neste dossiê).

SEGAL, Lotte Butte. Disembodied Conjuality. In: CHATTERJI, Roma (ed). *Wording the World. Veena Das and Scenes of Inheritance*. New York: Fordham University Press, 2015.

VIANNA, Adriana. Posfácio. Escrever (contra) o horror. In: MALLART, Fabio. *Findas Linhas: Circulações e confinamentos pelos subterrâneos de São Paulo*. Lisboa: Etnográfica Press (no prelo).

VIANNA, Adriana. Tempos, dores e corpos: considerações sobre a “espera” entre familiares de vítimas de violência policial no Rio de Janeiro. In: BIRMAN, Patrícia et al (Orgs.). *Dispositivos Urbanos e Trama dos Viventes: ordens e resistências*. Rio de Janeiro: Editora FGV, pp. 374-387, 2015.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A Guerra das Mães. Dor e política em situações de violência institucional, *Cadernos Pagu*, v. 37, 2011.

ZENGİN, Asli. On life and Words: an interview with Veena Das, *Feminist Approaches in Culture and Politics*, v. 10, pp. 1-15, 2010.